

ACERVO NOMAA

NOMAA
HOTEL



ACERVO NOMAA

Iniciada em 2015, a coleção do hotel Nomaa tem foco na produção de artistas contemporâneos nascidos ou residentes no Paraná, como forma de estimular e fomentar a cultura local. Sem temas ou linguagens pré-definidos, alguns pontos de contato estabelecem relações internas entre as obras e também com o espaço onde estão instaladas. Questões como o tempo, sua ação na matéria ou o deslocamento atravessam indiretamente diversas dos trabalhos, propondo reflexões sobre a produção desses artistas e o espaço de passagem que é o hotel. São recorrentes os trabalhos feitos em madeira, material bastante presente na arquitetura do Nomaa, ou construídos por técnicas ligadas ao universo têxtil, remetendo à ideia de rede e de trabalho manual. Um mapa histórico do estado complementa o conjunto, reiterando a importância da experiência geográfica e de trânsito presente no contexto de um hotel.

CLAUDIO ALVAREZ

(Rosário, Argentina, 1955)

Argentino radicado no Brasil desde 1976, Claudio Alvarez teve uma formação prévia em siderúrgica e, através de cursos livres oferecidos pelos centros de criatividade do Paraná - espaços de formação que não existem mais -, estudou com artistas como Jefferson Cesar, referência para os escultores da região naquele período. Seus trabalhos iniciais retratavam a figura humana, mas nos anos 1980 consolidou seu uso do metal para a construção de peças abstratas, compostas centralmente por chapas de ferro pintado, que seguiu usando até 2010, quando passa a se dedicar quase exclusivamente ao uso do aço inox em estruturas lineares. Interessado nos limites e nas relações entre arte e ciência, o artista pesquisa sobre a percepção, o que o leva a trabalhar com instrumentos ópticos e a criar mecanismos. Seu trabalho na coleção Nomaa lembra pêndulos de relógios, mas, mesmo que a forma seja simétrica, seu ritmo é irregular, devido ao vento, o que problematiza a ideia de um tempo linear e contínuo. Feita em aço inox fosco por um processo de escovamento – tornando a peça, visualmente, uma linha contínua –, a escultura tem um paralelepípedo linear que cria um espaço dentro do espaço e está apoiada em uma base de concreto, feita especificamente para ela, na parte externa do hotel, estabelecendo um diálogo com a cidade. A relação entre o título, a forma e o movimento geram uma relação polissêmica de interpretações a respeito do tempo, em uma dinâmica próxima à da poesia.

O tempo e o Vento

aço inox, 400 x 120 x 70 cm, 2021







PAOLO RIDOLFI

(Maringá, 1962)

A pintura de Paolo Riboldi tem genealogia na arte op, mas as enfáticas marcas de construção, como pinceladas, acúmulos de tinta e escorridos, geram um paradoxo entre as ilusões de profundidade e jogos ópticos e a própria materialidade da superfície. Com formação orgânica informada pela convivência com o meio artístico dos anos 1980 em São Paulo, em diálogo com artistas como Leda Catunda, Leonilson e Dora Longo Bahia, o artista volta pra Maringá nos anos 1990. Seus trabalhos são baseados em estampas, embalagens e outros objetos que lidam com uma linguagem visual chamativa, publicitária, enfatizada pela paleta de cores artificiais possibilitadas pelo aspecto plástico da tinta acrílica. O trabalho da coleção Nomaa é uma tela de grandes dimensões na qual artista reproduz a estrutura quadrada do suporte em uma série de linhas concêntricas que irradiam do centro para as bordas. Na metade inferior do quadro, a mudança de cores em alguns trechos da pintura geram diferentes áreas luminosas, que se espriam, gerando diferentes profundidades e vibrações. A obra é parte da série Listras que o artista desenvolve há muitos anos, acumulando obsessivamente camadas de tinta, o que gera uma saturação cromática e material.

| *Sem Título*

| *acrílica sobre tela, 150 x 150 cm, 2014*



NOMAA
HOTEL

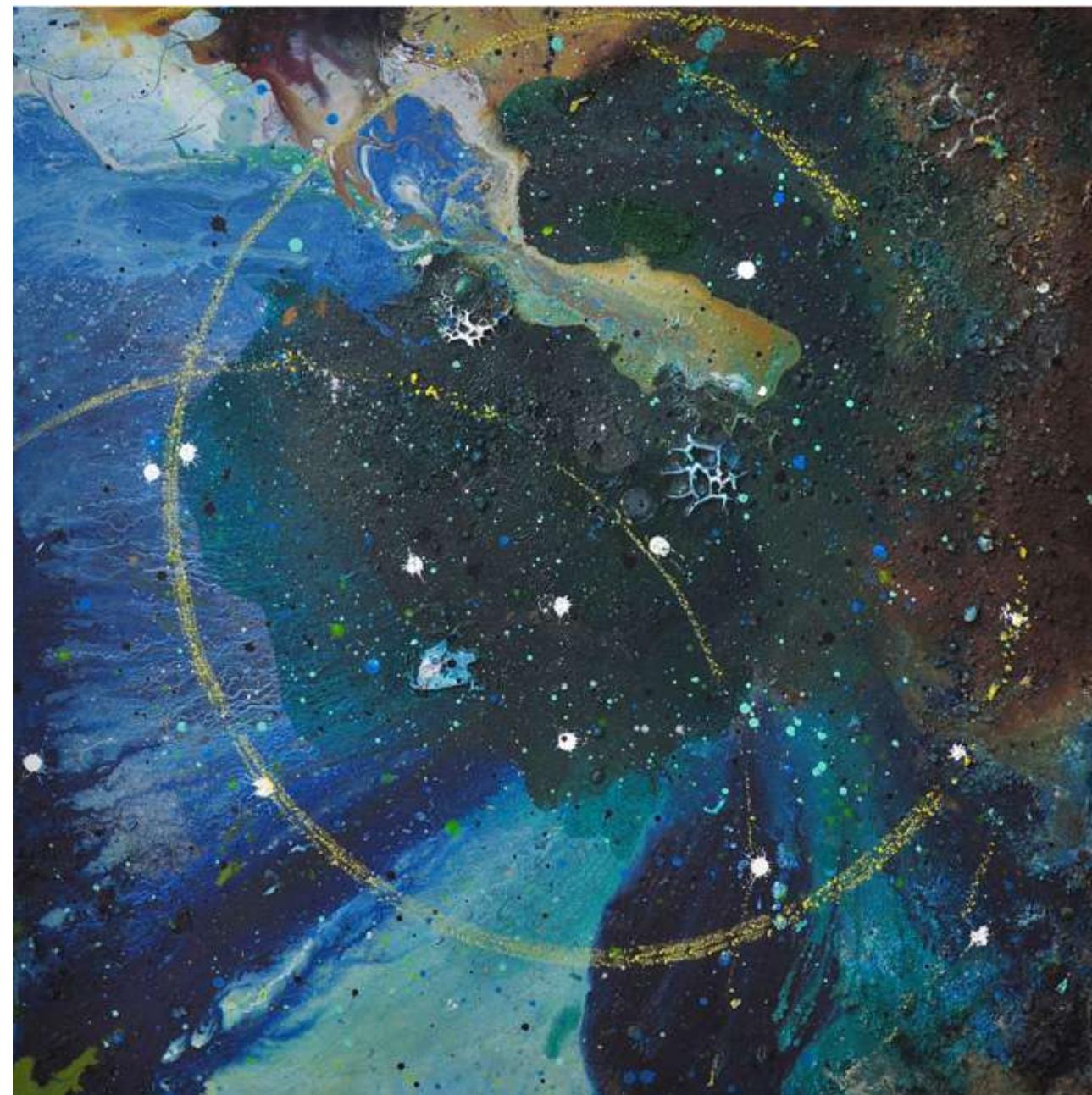
WILLIAN SANTOS

(Curitiba, 1985)

Formado em artes visuais em 2019, Willian Santos teve aulas de pintura com Carla Vendrami e Geraldo Leão. Suas experiências anteriores com grafite e pixação, o levaram a começar por trabalhos de grandes dimensões que se relacionavam com a parede e o espaço. Em sua pintura há a mistura de diferentes materiais em uma mesma superfície e é dessas experimentações que o artista determina a imagem, partindo das próprias características da superfície, como a textura, o brilho ou a viscosidade, para criar elementos que aludem à natureza. O trabalho na coleção do Nomaa, é composto por encáustica, tinta a óleo, esmalte e terra, em uma confluência inusitada de materiais tradicionais da história da arte e outros mais experimentais. Abstratas à distância, essas pinturas são compostas por diversas figuras que se revelam na proximidade. O processo de feitura, no chão e não na parede, se reflete na sensação de uma vista aérea e na concentração de matéria no centro da tela. Sobrevir, que significa algo que acontece em seguida ou de modo inesperado, é parte de um conjunto maior no qual prepondera essa visão distante, sugerindo um todo que só se apreende por partes.

Sobrevir II

*acrílica, encáustica, esmalte, óleo e terra sobre tela,
100 x 100 cm, 2014*



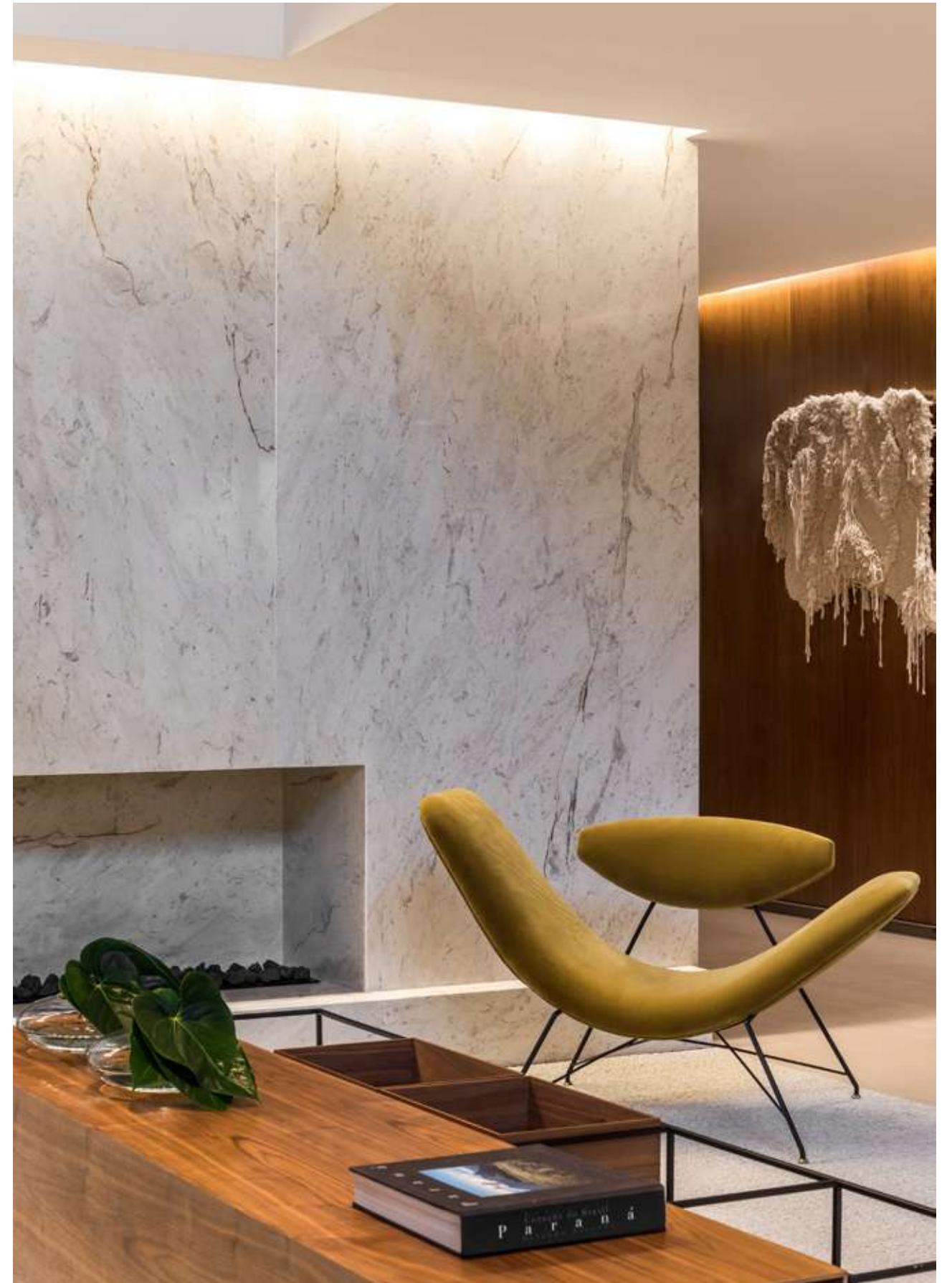


ALEX ROCCA

(São Paulo, 1982)

Mapas e topografias inventados são os temas das tapeçarias do artista Alex Rocca, que cria lugares imaginados em formas abstratas, entre a geometria e a organicidade. Experimentando com a construção de imagens com volumes de forte apelo tátil, o artista começou a trabalhar com têxteis em 2019, misturando técnicas de ponto russo, feltragem e bordado manuais. O trabalho da coleção Nomaa é o primeiro de uma série Sem Título, que ocupa um espaço singular na produção do artista, pois nela o barbante e a lã são usados crus, enquanto na maior parte de sua obra as composições são multicoloridas. Essa peça, de formato retangular, mas de bordas irregulares e assimétricas, é formada por contraposições entre áreas com volume e outras lisas, variações de pontos de tapeçaria, resultando em diferentes texturas, e fios soltos de diferentes tamanhos, o que gera uma sensação de desfazimento. Com formação em cinema, Rocca tem experiências com direção de arte e interessa-se pelos estudos do espaço, da arquitetura e da cor.

| *Sem Título*
| tapeçaria, 94 x 74 cm, 2020





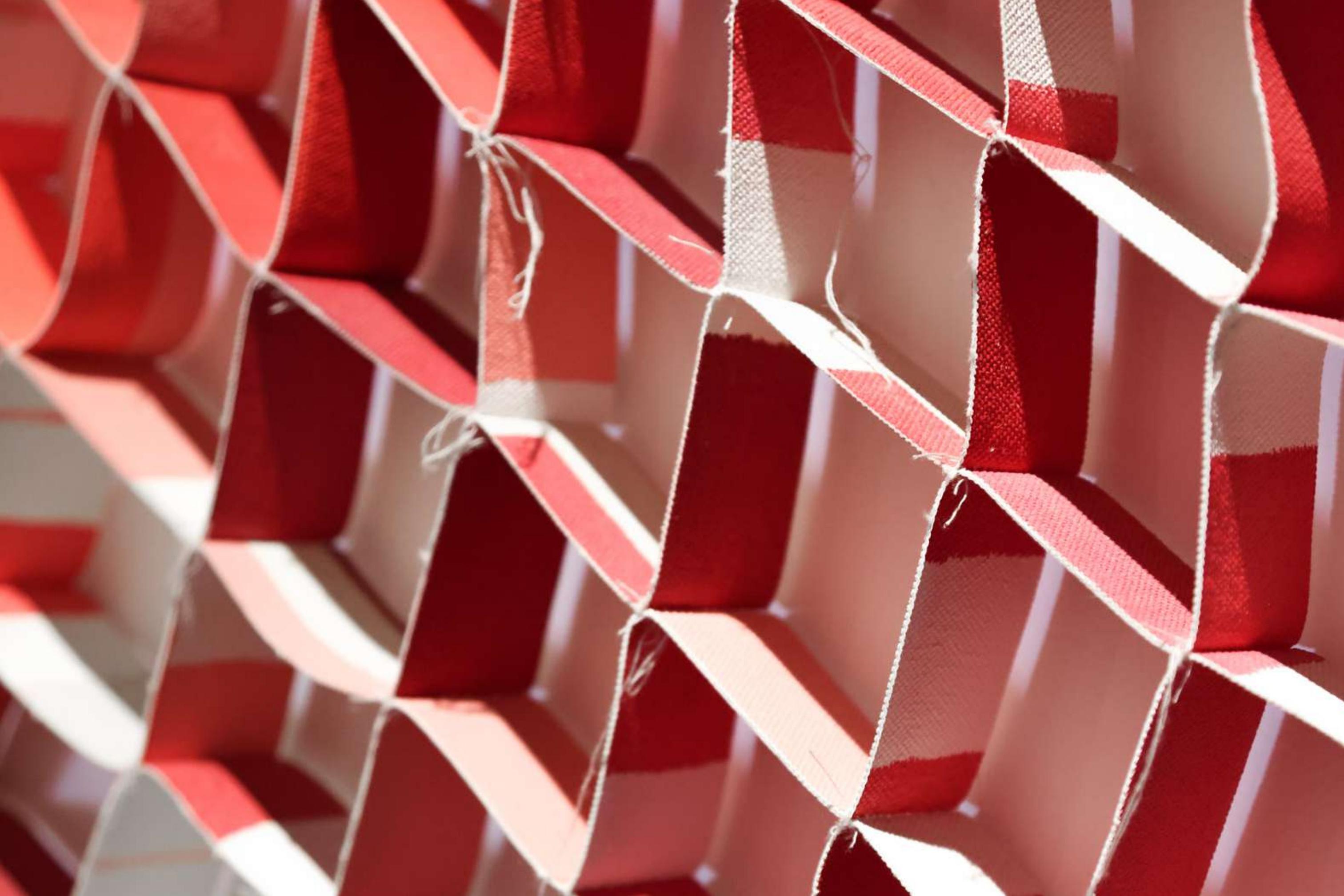
ANDRÉ AZEVEDO

(Curitiba, 1977)

Construída a partir de uma pintura em lona que foi recortada e costurada formando uma grade, que pelo posicionamento na parede perde a rigidez, a obra de André Azevedo na coleção Nomaa mostra o dentro e o fora, o avesso e o direito ao mesmo tempo, deixando as costuras e os arremates à mostra. Com mãe artesã e pai ligado à sericultura, o artista estudou desenho industrial, trabalhou com moda e posteriormente cursou artes visuais. Sua prática artística com costuras e tramas, que realiza desde 2013, conjuga essas experiências anteriores em tom intimista e reflexivo. As Macrocelulas são grades de tecidos inspirados nos nichos, chamados bosques, que guardam as larvas do bicho-da-seda. Azevedo interessa-se pelo uso das grades e das redes nas mais diversas culturas, estudando desde os têxteis pré-colombianos, até o uso dos tecidos e tramas pelas artistas mulheres da Bauhaus. Em outros trabalhos, o artista explora as relações intrínsecas e semânticas entre têxteis e textos, aplicando experimentações visuais feitas na máquina de escrever sobre diferentes tecidos.

Macrocelula

recorte e costura à máquina sobre lona de algodão com tingimento industrial resinada, 95 x 105 cm, 2015





HUGO MENDES

(Curitiba, 1981)

Hugo Mendes atuava como artesão, prática tradicional em sua família, antes de ingressar no curso de artes plásticas em 2001. No universo acadêmico, seus primeiros exercícios partiam de objetos apropriados, mas seu trabalho maduro condensa suas duas experiências anteriores, pois lidam com a apropriação da imagem dos objetos, mas são construídos manualmente com modificações de escala, forma e materialidade, como na sugestão de derretimento ou maciez em materiais que, na verdade, são duros. Geralmente cobertas com uma superfície pristina de laca, um acabamento para madeira que gera coberturas homogêneas, suas esculturas têm um aspecto biomórfico e sugerem erotismo, como nas sugestões de partes do corpo ou no apelo tátil das superfícies. A obra da coleção Nomaa guarda o mesmo acabamento homogêneo e preciosista de outros trabalhos, mas a madeira é apresentada crua, apenas com um selador que protege o material. A palavra “abatida”, no título, indica uma experiência psíquica de exaustão, mas também gera uma ambivalência entre as categorias animal e vegetal, na medida em que a matança de animais para fins domésticos e alimentares é chamada de abate. Suspensa por uma corda, a escultura usa a gravidade como agente fundamental na ênfase da sensação de peso, já indicada na forma, levemente mais grossa na parte de baixo da grande gota.

| *Sem Título (Abatida)*

| imbuia, metal e corda de sisal, 130 x 20 x 16cm, 2016



ANDRÉ NACLI

(Curitiba, 1986)

André Nacli fotografa a natureza com atenção à formação de fenômenos geológicos ao longo do tempo ou às transformações que plantas, acidentes geográficos e recursos hídricos podem gerar na arquitetura e outras construções humanas. Na série *Vão*, morros e corpos d'água são registrados em preto e branco, em composições sintéticas que geram um embaralhamento de escalas, pois não podemos aferir exatamente a medida desses acontecimentos. O fundo esmaecido e a solidez com que os temas são retratados enfatizam o aspecto monumental da natureza, evocando a experiência do sublime - sentimento que ao longo da história da arte descreve a sensação de fragilidade humana frente à grandiosidade do mundo. Formado em cursos livres de fotografia e interessado por arquitetura, Nacli produz imagens de paisagens silenciosas e contemplativas que geram uma sensação de suspensão temporal.

Sem Título, da Série Vão
impressão em pigmento mineral sobre papel algodão,
154 x 110 cm, 2020

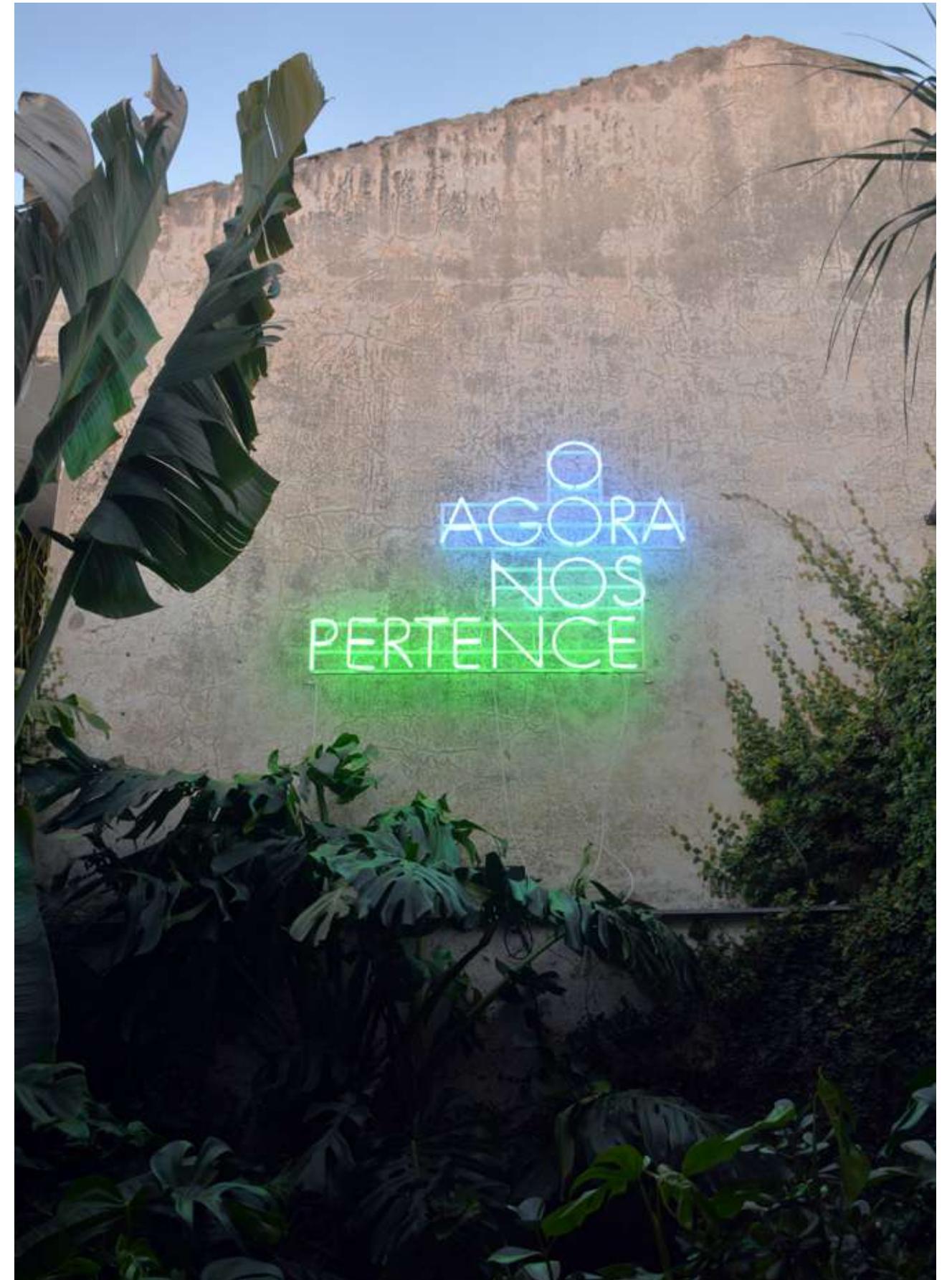
OO
AGGORA
NOS
PERTENCE

ALE MAZZAROLO

(Pato Branco, 1975)

Formado em comunicação visual, Ale Mazzarolo trabalha com neons desde 2009, contrapondo palavras e frases relacionados ao tempo e a experiências íntimas com o aspecto chamativo e publicitário desse material. No trabalho da coleção Nomaa, a escolha de cores gera uma paisagem sintética, com o azul no topo da composição e o verde na base. As letras “O” e “C” das palavras na frase estão alinhadas na vertical, gerando um encadeamento visual entre as formas circulares, o que nos leva a diversas associações entre os sentidos de coletividade, de temporalidade, de continuidade e de ruptura. A fonte Futura Std Light, inclusive, foi escolhida justamente pelo formato perfeitamente circular dessas letras. O artista atua simultaneamente como designer, o que reflete-se no rigor compositivo de seus trabalhos, em sua escolha minuciosa de fontes, de cores e de escalas.

| *O Agora Nos Pertence*
| neon, 59 x 70 cm, 2019





WASHINGTON SILVERA

(Curitiba, 1969)

Licenciado em artes visuais, mas com forte influência dos aprendizados com seu pai marceneiro, Wahsington Silvera usa a madeira como principal meio de sua obra, lidando com esse material em diferentes técnicas. O trabalho da coleção Nomaa é parte de uma série chamada El labirinto, na qual o artista reproduz mapas de cidades com projetos de urbanização complexos utilizando gravações em madeira realizadas por máquinas que traduzem imagens digitais para entalhes. No caso, gravou o projeto urbanístico de Amsterdã, capital da Holanda, cuja malha urbana é extremamente planejada e organizada. O artista, no entanto, testa os limites dessas máquinas, criando variações de profundidade e espessura que geram ruídos visuais. Esses acidentes, paradoxalmente, tornam essas obras únicas, pois o trabalho dialoga com outras linguagens como a xilogravura e a machetaria, em um híbrido entre escultura e desenho. Em outros trabalhos, Silvera cria esculturas de madeira que modificam os sentidos habituais de objetos cotidianos, como em violões que parecem derreter ou martelos animados que agem por si só, demonstrando a influência de autores latino americanos ligados ao realismo fantástico em sua produção.

| *Sem Título*

| *madeira, 30 x 20 cm, 2021*



NOMAA

H O T E L

PROJETO ARQUITETÔNICO
Smolka Arquitetura

PROJETO DE INTERIORES
Fernanda Cassou Arquitetura

PROJETO GRÁFICO
Dayanna Salles

FOTOGRAFIA
André Nacli

TEXTO
Leandro Muniz

INCORPORAÇÃO
Idee Incorporadora

DATA DE ENTREGA
Julho de 2015

LOCALIZAÇÃO
R Gutemberg, 168
Batel, Curitiba-PR

IDEE INCORPORADORA

Nascemos do desejo de melhorar a qualidade de vida nas cidades através de uma visão sustentável, estética, funcional e humana do que é habitar o mundo que nos cerca.

Fazemos isso materializando projetos de personalidade única, que se destacam por:

Trazerem a boa arquitetura, a arte e o design para o centro da vida, por entendermos que são promotores de qualidade de vida, felicidade e bem-estar.

Valorizarem e gerarem vida nas regiões aonde estão inseridos, apurando às relações da comunidade local e aprimorando a dinâmica urbana.

Deixarem um legado criativo e inspirador para a cidade, contribuindo para a cultura local.





IDÉE

INCORPORADORA